

PRESTANDO CONTAS



“Este é um boletim mensal do mandato do Diretor de Saúde e Rede de Atendimento (2014/18), eleito em conjunto com os conselheir@s Deliberativos e Fiscais na chapa ‘Todos pela Cassi’. A informação qualificada para as entidades do funcionalismo e para os participantes sobre o dia a dia na Gestão da Caixa de Assistência é fundamental para melhorar a cultura de pertencimento por parte de todos os associados da Cassi, melhorando a participação nos programas que visam Atenção Integral à Saúde como a Estratégia Saúde da Família (ESF) e fazendo com que cada usuário utilize da melhor forma possível sua Caixa de Assistência”

O PRINCÍPIO DA SOLIDARIEDADE NA CASSI

Custeio mutualista intergeracional é pedra angular da nossa história

Neste momento de debate sobre o acordo negociado entre BB e entidades do funcionalismo para a sustentabilidade de nossa Caixa de Assistência, alguns temas que são recorrentes em dúvidas e especulações voltam à tona e, por conseguinte, acabam assumindo um papel que nem sempre lhes cabe.

É o caso da Solidariedade. Um dos princípios mais valorosos que trouxemos em nossa história, desde a primeira hora da criação da CASSI: Cada um contribui conforme sua possibilidade e todos usam conforme sua necessidade.

Foi a preocupação de que todos pudessem fazer frente às suas questões de saúde, sabendo que teriam amparo por um recurso gerado e poupado coletivamente ao longo do tempo, que nos fez ter esse nome originariamente: Caixa de Assistência dos Funcionários do Banco do Brasil. Foi a compreensão de que a solução coletiva tem consequência e perenidade muito maiores do que a individual.

Não temos dúvidas em afirmar que a solidariedade deve ser considerada cláusula pétrea de nossa CASSI, porque esse princípio é o que une trabalhadores da ativa, que vendem sua força de trabalho, muitas vezes adoecem cumprindo suas longas jornadas e ainda sob forte assédio pelo cumprimento de metas e pela falta de funcionários. Também é o princípio que protege os aposentados, que passaram décadas sob este



sistema de exploração e que têm na aposentadoria o legítimo direito a uma assistência médica, de boa qualidade, com ampla cobertura e com custeio baseado no sistema mutualista, onde o conjunto dos participantes contribui com regras iguais e o fundo gerado custeia as despesas assistenciais de cada participante e seus dependentes (definidos por regras aprovadas pelo corpo social) e cuida de todo o grupo de acordo com suas necessidades em saúde.

Mas na hora em que vamos discutir as crises cíclicas de sustentabilidade do sistema que criamos, com frequência volta à mesa a ideia de que o problema

é “o outro”, de que o que é injusto é eu arcar com os problemas de saúde de terceiros. Que “eu só gasto quando preciso, mas o outro não”.

Quebrar a solidariedade na CASSI significaria a possibilidade de pagar por dependente, por idade, por consumo, por perfil epidemiológico, dentre outros. E temos certeza que muitos não conseguiriam arcar com tantas despesas, fazendo com que vários colegas da ativa e aposentados tivessem que abandonar a Caixa de Assistência, encarecendo cada vez mais os planos - pela concentração de risco numa população cada vez menor - até tornar a entidade insustentável.

Mas nada disso é pensado quando sentimos a crise chegar; quando ela provoca nossa insegurança e nos faz temer o risco de não haver um amanhã. Nessa hora, somos convidados a de novo achar um culpado. E ele é sempre “O Outro”.

No caso da CASSI, pensamos de imediato que o problema de déficits é porque “o outro tem muitos filhos” no plano, gastando e usando sem pagar, e que não é justo conosco que “não temos nenhum” e ficamos pagando para quem os tem. À primeira vista, parece até matematicamente lógico. Mas a história mostra outra coisa.

Os gráficos a seguir expõem a relação entre faixa etária e custo no universo das autogestões. No gráfico A, vemos que a fase da vida em que o custo fica abaixo da receita é exatamente até os 29 anos. Já o empate entre receita e despesa costuma mostrar-se dos 30 aos 64. E depois disso, o custo ultrapassa a receita expressivamente. São valores médios, portanto consideram o conjunto das pessoas em cada faixa, e na quantidade real em que hoje estão distribuídas, incluída aí a nossa população.

Os dependentes filhos, aos 24 anos, saem do Plano de Associados, ingressando no Cassi Família ou em outros planos fora da Cassi. Ou seja, nas faixas em que o custo dá grandes saltos eles já não estão mais no Plano.

No gráfico B, vemos que as faixas de 0 a 17 e 18 a 29 anos tem um custo anual bem abaixo do custo médio dessa população. Além disso, vemos os saltos que esse custo dá a partir dos 50 anos e, sobretudo, após os 70.

Assim, se trouxermos para o nosso seio o debate de que a culpa dos custos é “do outro”, a tese da família com filhos se desfaz em pouco tempo, dando lugar a teses bem mais complicadas, nas quais irão procurar a “culpa” no idoso, no crônico, e assim por diante. E se engana quem acha que é simples e fácil “incluir só um pedacinho dessa ideia no debate e depois

voltar para o ambiente seguro da solidariedade”. Começar a prática de apontar culpados não dá mesmo trabalho; mas cessá-la, geralmente é como a lenda da Caixa de Pandora: leva muito tempo, e antes disso haverá estragos.

Não há saída fora da Solidariedade para nós. Temos exemplos ao redor do mundo do que acontece com sistemas de saúde que querem individualizar o risco, que defendem que ninguém deve “pagar a conta de ninguém”, que cada um deve ser responsável por gerar os recursos para a sua assistência, “sem onerar o outro”. O resultado



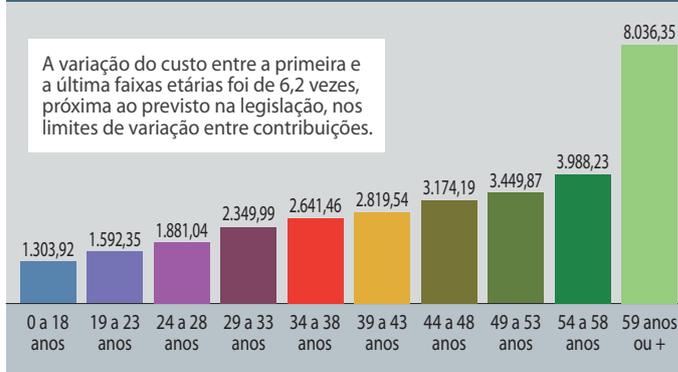
GRÁFICO A - PLANO DE ASSOCIADOS

Receita e Custo Assistencial Médio e Beneficiários por faixa etária



GRÁFICO B - AUTOGESTÕES (UNIDAS)

Custo médio por beneficiário (Faixa Etária)



é que todos, em tais sistemas, chegam a vivenciar o seu próprio dia de exclusão. Se querem ter ideia do extremo a que pode chegar um sistema que não tem solidariedade, nem universalidade, nem integralidade, e que individualiza o risco de uso, há um documentário disponível em acervos especializados e nas redes sociais que pode dar algumas contribuições. Chama-se “Sicko - SOS Saúde” (vídeo disponível no YouTube).

A sustentabilidade no Plano de Associados se dará por aumento da solidariedade na CASSI, por ampliação dos direitos em saúde, por melhorias na gestão e fortalecimento na Estratégia de Saúde da Família e na Atenção Primária, a partir das Unidades Cassi. Pelo uso inteligente e otimizado da rede referenciada e credenciada, com a melhoria na comunicação entre a Cassi, seus participantes e suas entidades representativas, na melhoria das condições de trabalho no BB e com maior participação social na Caixa de Assistência, através de seus Conselhos de Usuários e investindo mais e mais na cultura do pertencimento a esse sistema e essa entidade que nós criamos há 72 anos.

“É sempre mais fácil achar que a culpa é do outro; evita o aperto de mão de um possível aliado. Convence as paredes do quarto e dorme tranquilo; sabendo no fundo do peito que não era nada daquilo.” (Raul Seixas - Por Quem os Sinos Dobram).